CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

JULIANE BILOBRAN

AS ORGANIZAÇÕES, A SOCIEDADE ATUAL E OS TIPOS DE CARÁTER DESCRITOS PELA BIOENERGÉTICA: INTER-RELAÇÕES E INTERSECÇÕES

CURITIBA
2010

JULIANE BILOBRAN

AS ORGANIZAÇÕES, A SOCIEDADE ATUAL E OS TIPOS DE CARÁTER DESCRITOS PELA BIOENERGÉTICA: INTER-RELAÇÕES E INTERSECÇÕES

Monografia apresentada como requisito parcial ao Programa de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano.

Orientadora: Prof.ª Sandra Volpi

CURITIBA
2010

BIBLIOTECA DO
CENTRO REICHIANO
www.centroreichiano.com.br

Bilobran, Juliane
As organizações, a sociedade atual e os tipos de caráter descritos por Lowen: interrelações e intersecções. / Juliane Bilobran – Curitiba, 2009.

Orientadora: Sandra Mara Dall'Igna Volpi

Monografia do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal.

1. Caráter. 2. Modernidade. 3. Organizações. 4. Sociedade. 5. Trabalho.

ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL

DECLARAÇÃO DE CONFECÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **JULIANE BILOBRAN**, aluna do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal Ltda., localizado na cidade de Curitiba/PR, Brasil, assumo total responsabilidade pela confecção desse trabalho monográfico para a conclusão do curso, considerando que:

- Durante o curso, recebi todas as informações sobre a obrigatoriedade da confecção da monografia por mim mesma, e jamais por outra pessoa, estando sujeita a perder o meu certificado a qualquer momento, independentemente do prazo, caso haja a comprovação de denúncia a esse respeito.
- Estou ciente de que citei todos os autores, com os devidos créditos exigidos pelas normas da ABNT, sem ter copiado qualquer trecho de livros, Internet, revistas, etc., que se possa considerar plágio, arcando com toda e qualquer responsabilidade legal por essa questão, caso haja algum tipo de denúncia. Quando copiado algum trecho, este está devidamente mencionado com o crédito do autor (sobrenome do autor, ano da obra e páginas) e a obra indicada nas referências desse trabalho.
- Autorizo a publicação da monografia no site do Centro Reichiano, quando essa indicação for feita pelo(a) orientador(a).

Estando ciente do exposto acima, assino esse documento, o qual deverá ser incluído como primeira página da Monografia, tornando pública a presente declaração a quem se interessar.

Curitiba, 10 de Março de 2010.

Juliane Bilobran

Juliane Bilobran

Assinatura da Aluna

TERMO DE APROVAÇÃO

Eu, **Prof.ª SANDRA MARA VOLPI**, no uso de minhas atribuições legais no **Curso de Especialização em Psicologia Corporal**, ministrado pelo Centro Reichiano, na cidade de Curitiba/PR, Brasil, considero **APROVADO**, com **CONCEITO B**, o trabalho monográfico de conclusão de curso da aluna **JULIANE BILOBRAN**.

Curitiba, 13 de Fevereiro de 2010.

Prof.ª Sandra Mara Volpi
Orientadora

Aos meus pais,
por sempre me apoiarem e incentivarem
da melhor maneira que conseguiram.

Agradeço a Deus, pela oportunidade de estar aqui aprendendo e me desenvolvendo mais e mais.

A José Henrique e Sandra Volpi, pelos ensinamentos na área da Psicologia Corporal e por todo apoio e incentivo durante o curso de especialização.

Agradeço aos meus pais por acreditarem em mim, por sempre me apoiarem e me incentivarem, e por terem me auxiliado a ser o que sou.

A meu esposo, por toda compreensão e incentivos.

A Danieli Barbieri, por todos os anos de terapia.

A todos o meu Muito Obrigado!

"Muitos temores nascem do cansaço e da solidão
Descompasso, desperdício herdeiros são agora
Da virtude que perdemos
Há tempos tive um sonho, não me lembro, não me lembro.....
Tua tristeza é tão exata e hoje o dia é tão bonito
Já estamos acostumados a não termos mais nem isso
Os sonhos vêm e os sonhos vão, e o resto é imperfeito
Disseste que se tua voz tivesse força igual à imensa dor que sentes
Teu grito acordaria não só a tua casa, mas a vizinhança inteira..."

Renato Russo

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a sociedade atual, com suas contradições e dificuldades, sob a ótica da Psicologia Corporal. O capitalismo, as relações de poder, as redes de controle em massa, o narcisismo e a mecanização do trabalho são aspectos citados e comentados no texto, tomando-se por viés de análise principal a Bioenergética. Lowen (1982), principal idealizador dessa teoria, embora nunca tenha escrito diretamente sobre o tema, em vários momentos de sua obra referenciou características que são percebidas na sociedade atual; por esse motivo, muitas dessas peculiaridades podem ser interpretadas como conseqüências do modo de viver do homem moderno. Com o advento do capitalismo, as organizações muitas vezes tornaram-se máquinas de fazer dinheiro. Consequentemente, passou-se a selecionar e valorizar cada vez mais determinadas particularidades nas pessoas que integram-nas. Pode-se estabelecer um paralelo entre essas características e os tipos de caráter descritos por Lowen (1982), até chegar aos tipos de caráter predominantes nas organizações modernas. Além de Lowen, outros autores que seguem a mesma linha de pensamentos são referenciados, como Reich (1998), Navarro(1995) e Bauman(1999; 2001).

Palavras-chave: Caráter. Modernidade. Organizações. Sociedade. Trabalho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 09

2 PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO 12
2.1 FUNDAMENTOS DO TRABALHO 12
2.2 GLOBALIZAÇÃO 17
2.3 SOCIEDADE ATUAL E AUTORREGULAÇÃO 20

3 FUNDAMENTOS DE PSICOLOGIA CORPORAL 22
3.1 CARÁTER 22
3.2 OS CARÁTERES E AS ORGANIZAÇÕES 26
3.2.1 Esquizoidia 27
3.2.2 Narcisismo 28

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 30

REFERÊNCIAS 33

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade capitalista de hoje, o trabalho é um item-chave. Base de toda nossa sociedade, ele é parte importante também para a formação da identidade de cada indivíduo. A presente pesquisa tem por objetivo discutir a respeito do modo de viver que o homem moderno adotou. Muitas das saídas que o homem moderno escolheu, como, por exemplo, o excesso de trabalho e de obrigações, mesmo eventualmente consideradas antinaturais, foram e continuam sendo utilizadas.

Nossa sociedade estrutura-se fisicamente através de composições cheias de regras pré-estabelecidas, como as organizações e instituições. As organizações e instituições surgiram inicialmente para facilitar as alianças entre as pessoas. Entretanto, com a evolução da globalização e as mudanças da sociedade atual em relação ao séculos anteriores, é difícil perceber a função original, pelas quais as organizações e instituições foram adventadas. Infelizmente, muitas delas tornaram-se apenas instrumentos para selecionar os indivíduos em classes.

Baseando-se nas informações anteriores, as organizações e instituições também serão tema de estudo nessa pesquisa, por serem as fontes mais comuns de trabalho.

O presente trabalho busca refletir a respeito da estrutura da nossa sociedade, e propor formas alternativas de funcionamento. Não se pode negar que esse assunto é bem atual, principalmente corroborado pela globalização. "Fazer as perguntas certas faz toda a diferença entre destino e sina, entre andar à deriva da correnteza e seguir sua própria vontade" (BAUMAN, 1999).

O modo de organização da nossa sociedade pode ser, por exemplo, uma das razões para a falta de sensação e de sentimentos da qual muitas pessoas sofrem, atualmente.

Alguns autores, dentre os quais pode-se citar Reich (1998), também perceberam que a forma pela qual está organizada nossa sociedade poderia ser a causa da origem das enfermidades na mente das pessoas, e procuraram também, à sua maneira, estudar os motivos pelos quais a sociedade está dessa maneira hoje. Assim surgiu a Psicologia, ciência que estuda o pensamento, o funcionamento e o comportamento humano.

Dentro da Psicologia, várias linhas teóricas foram aparecendo, de acordo com as ideias e as influências de cada autor. O primeiro a desenvolver a idéia que, de alguma maneira, o que ocorre no corpo influencia a mente, foi Wilhem Reich (1998). Seus estudos envolviam a análise ou intervenção sobre o corpo, esperando que isso influenciasse o funcionamento do psiquismo. Inicialmente um aluno dedicado de Freud, ele começou a divergir teoricamente de seu mestre quando encontrou a resistência inabalável de seus pacientes, e tentou influir nisso. Reich buscou interagir mais com os pacientes e se aproximar deles, buscando influir principalmente nas situações em que a resistência era considerada intransponível pela Psicanálise. Isso foi considerado inaceitável pela Psicanálise. Aos poucos, ele desenvolveu a Análise do Caráter e as raízes da Vegetoterapia Caracteroanalítica, identificando os bloqueios musculares resultantes da energia estagnada no corpo, posteriormente denominada orgone. Reich (1998) estudou várias maneiras de desfazer e mesmo de prevenir esses bloqueios. Apesar de muito criticado em sua época, vários estudiosos – como Alexander Lowen (1982), Federico Navarro (1995), e muitos outros – posteriormente utilizaram as idéias de Reich como base para o desenvolvimento de suas teorias.

A Análise Bioenergética surgiu nos anos 50, tendo como principal fundador Alexander Lowen. Ele se identificou com as idéias de Reich, lembrando-se das próprias experiências pessoais envolvendo, por exemplo, um programa de exercícios que trouxe benefícios também para seu estado mental. Posteriormente, Lowen tornou-se aluno e paciente de Reich. Posteriormente,. desenvolveu suas próprias teorias, escreveu livros, estudou as formas de manifestação da energia e, analisando o funcionamento de seus pacientes, desenvolveu cinco tipos de funcionamento básicos (LOWEN, 1982).

Todas essas ideias foram desenvolvidas há décadas, mas permanecem mais atuais do que nunca, principalmente por serem constantemente atualizadas e adaptadas.

Esse trabalho busca analisar os cinco tipos básicos de funcionamento de Lowen (1982), desenvolver ideias a respeito das origens dessas formas de manifestação do comportamento, e tecer comparações entre o funcionamento das pessoas e o modelo sócioeconômico predominante na atualidade.

]

O pressuposto básico desse trabalho é de que existem relações entre os diferentes tipos de funcionamento das pessoas, a estrutura da sociedade de hoje e o modelo econômico predominante na atualidade.

2 PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

2.1 FUNDAMENTOS DO TRABALHO

A perda de contato com o próprio corpo, como consequência de uma perda de identidade, é situação muito comum na sociedade atual. O homem moderno cria uma imagem de si mesmo, e fica desesperado quando o papel que escolheu para sua vida é contestado. É nesse momento que muitas pessoas recorrem ao auxilio médico ou psicológico (LOWEN, 1979). Outras procuram desenvolver uma nova imagem de si mesmas, numa busca constante de identidade.

Um fato bastante comum no momento presente da sociedade é o individualismo crescente. As pessoas muitas vezes seguem em busca de liberdade, chegando ao extremo da individualidade.

> [...] o indivíduo já ganhou toda a liberdade com que poderia sonhar e que seria razoável esperar; as instituições sociais estão mais que dispostas a deixar à iniciativa individual todo o cuidado com as definições e identidades, e os princípios universais contra os quais se rebelar estão em falta. Quanto ao sonho comunitário de "reacomodar os desacomodados": nada pode mudar o fato de que o que está disponível para a reacomodação são somente camas de motel, sacos de dormir e divãs de analistas, e que de agora em diante as comunidades - mais postuladas que "imaginadas" - podem ser apenas artefatos efêmeros da peça da individualidade em curso, e não mais as forças determinantes e definidoras das identidades. (BAUMAN, 2001, p.32).

Em suma, as pessoas buscam cada vez mais a individualidade, esquecendo-se de que é impossível viver sozinho. O ser humano precisa viver em sociedade. Relações cada vez mais individualizadas, entre pessoas cada vez mais individualizadas, junto às regras globais pré-estabelecidas, pautadas em dogmas que não condizem com as reais necessidades das pessoas, só contribuem para piorar a situação (BARREIROS, 2008).

O mundo hoje passa por uma série de transformações. A globalização é um fato do qual praticamente nenhum país consegue escapar. O capitalismo exacerbado tornou-se o modelo econômico dominante, e juntamente com outros fatores, conduz ao consumismo desenfreado. A tecnologia se supera a cada dia, incentivada e patrocinada pelos "reis" do capital, e as inovações tornaram-se muito comuns, pois assim como aparecem cada vez mais rapidamente, da mesma maneira são superadas e esquecidas.

Todos esses fatores citados são, ao mesmo tempo, a causa e a conseqüência de muitas psicopatologias. Da mesma maneira que a sociedade influencia a maneira como as pessoas se formam, o inverso também acontece. A sociedade e a cultura são fruto da ação de pessoas, assim como são também influenciadas pelo seu entorno.

A sociedade brasileira, na qual estamos imersos, também faz parte dessa roda viva. As relações de poder continuam sendo os pilares das sociedades ocidentais e, apesar de procurarem mostrar sua face liberal e inovadora, elas mantêm como seus pontos centrais o conservadorismo e a manutenção do que já foi instituído. O modelo patriarcal tradicional ainda é dominante e se faz presente na cultura brasileira com muita força. O autoritarismo, as relações de dominação e exploração são aceitas como naturais, e muitas vezes o poder e o dinheiro tem mais valor do que a vida humana.

Diante desse retrato desolador das sociedades ocidentais modernas, fica difícil achar a válvula de escape desse círculo vicioso. Encontrar uma saída dessa intrincada rede, diante de uma realidade tão avassaladora, é quase como achar uma agulha no palheiro.

Alguns estudiosos, dentre eles Bauman (1999; 2001), desenvolveram estudos e teorias a respeito de como a sociedade chegou ao patamar atual. Outros, entre os quais Reich (1998) e Lowen (1982), buscaram estudar o funcionamento das pessoas diante desse cenário avassalador. Lowen (1979) cita que a falta de identificação das pessoas com o próprio corpo constitui um dos grandes males modernos.

Uma das intersecções entre as pessoas e sociedade que elas mesmas compõem, é a própria atividade produtiva. É através da interação entre o povo e sua sociedade que a cultura se estabelece. Dessa maneira, fica claro que o trabalho é peça fundamental em todo esse intrincado sistema.

O trabalho é fundamental nas sociedades modernas. Ele sempre fez parte da vida das pessoas; porém, com o advento do capitalismo, assumiu um papel ainda mais forte. O intercâmbio da mão-de-obra pelo dinheiro tornou-se fato comum, logo que ficou claro que o dinheiro seria necessário para manter o sistema capitalista funcionando. Assim, o trabalho adquiriu uma conotação bastante simplista. De uma atividade fundamental no funcionamento de qualquer indivíduo, na qual grande parte das pessoas passa a maior parte de

sua vida desempenhando, ele ficou muitas vezes reduzido a apenas uma mercadoria, útil para escambo. Nas situações em que o indivíduo deixa sua identidade de lado e torna-se apenas um robô, reprodutor de atitudes, infelizmente o trabalho pode sim ser interpretado como um produto para obter dinheiro.

Somando esses aos outros fatores citados anteriormente, estabeleceu-se a cultura do individualismo e do consumismo desenfreado, meras formas compensatórias de algo muito maior que está se perdendo.

Esse relato das sociedades ocidentais modernas é desolador, e remete a como encontrar uma saída para essa situação. O trabalho pode ser uma das chaves.

A Psicologia do Trabalho busca a compreensão do ser humano através do trabalho. O trabalho pode ser tanto fonte de prazer psicológico, como a origem de todo o problema. Para Malvezzi; Codo (2007), o trabalho é tão fundamental para a construção da identidade como a infância ou a sexualidade; é instrumento da produção e da realização do sujeito. Tomando por base este viés, a Psicologia do Trabalho permeia todas as outras áreas de atuação ou de investigação em Psicologia.

A Psicologia Organizacional e do Trabalho estuda a condição humana, e tem como objeto de estudo a fronteira entre o indivíduo, o trabalho e a sociedade. O comportamento, a realização, a adaptação, o desenvolvimento e o sofrimento estão incluídos. Busca-se analisar a relação entre a institucionalização do trabalho e a vida humana (MALVEZZI; CODO, 2007).

Dentre os autores que estudam a Psicologia Organizacional e do Trabalho, pode-se destacar Malvezzi; Codo (2007), que tem contribuído, entre outros autores, para a Psicologia Organizacional e do Trabalho. Para ele, a instrumentalização da produção e a qualidade de vida podem ser desenvolvidas a serviço da vida individual e coletiva. A Psicologia Organizacional e do Trabalho busca produzir conhecimentos potentes para explicar todas as cadeias de causalidades nas quais o trabalho afeta a vida humana e a produção de bens, serviços e valores.

Buscando sempre estudar o funcionamento humano, a Psicologia desenvolveu-se sob várias abordagens, cada qual direcionando-se para uma vertente. Em suas várias especificidades, verifica-se a existência de inúmeras

definições de Psicologia, cada qual focada em um dos campos de atuação ou em alguma abordagem específica.

O termo Psicologia Corporal surgiu para agrupar numa mesma categoria todas as teorias psicológicas que, de alguma maneira, envolviam a análise ou intervenção sobre o corpo, em conjunto com o psiquismo. Wilhem Reich (1998) foi um dos primeiros a considerar essa possibilidade. Como estudante da Psicanálise, sempre foi aluno aplicado, chegando a conhecer pessoalmente Freud e a fazer parte de grupos de estudo sobre o assunto. Entretanto, ele começou a divergir das idéias de seu mestre quando encontrou a resistência inabalável de seus pacientes, pois tentou influir nisso de maneiras consideradas inaceitáveis pela Psicanálise. Interagindo com os pacientes e confrontando-os com seus próprios bloqueios, Reich buscava, ainda que de forma dura e primária, vencer a resistência dos pacientes. Aos poucos, ele desenvolveu a Análise do Caráter e as raízes da Vegetoterapia Caracteroanalítica, identificando os bloqueios musculares resultantes da energia orgone estagnada no corpo. Reich estudou várias maneiras de desfazer e mesmo de prevenir esses bloqueios. Apesar de muito criticado em sua época, vários estudiosos, dentre eles Navarro (1995) e Lowen (1979; 1982), posteriormente utilizaram as idéias de Reich como base para o desenvolvimento de suas teorias.

Dentro de sua própria especificidade, os autores da Psicologia Organizacional também explanam sobre o ser humano. Um dos temas versados é a qualidade de vida no trabalho. Dentre os vários autores que falam sobre esse tema, Zaima (2002) comenta que a qualidade de vida está intrinsecamente relacionada ao trabalho, pois esse aspecto é supervalorizado na sociedade ocidental/brasileira, com sistema capitalista. O trabalho na sociedade moderna é mais do que possuir um emprego, pois o trabalho atribui um significado à própria existência do sujeito e ao próprio meio em que ele vive. Linongi (2001) diz que, para que haja qualidade de vida no trabalho, é imprescindível o bem estar do indivíduo em todas as áreas relacionadas – física, emocional, social e espiritual. A preocupação do psicólogo em relação à qualidade de vida deve levar em conta o sujeito inserido nos seus mais diversos contextos.

Pode-se estabelecer vários paralelos entre as idéias de Reich (1998) e seu contemporâneo Lowen (1982), e as teorias sobre a qualidade de vida no

trabalho. Porém, na prática do dia-a-dia, nem sempre as coisas funcionam tão bem. E o psicólogo também se sente coagido. Muitas vezes, a peste emocional toma conta da situação, e o psicólogo, oprimido, se omite e deixa de assumir a responsabilidade que lhe cabe. Nessas situações, ele age como o Zé Ninguém descrito por Reich (1998).

Reich (1998) definiu a peste emocional como sendo um clima de destruição em que ele se encontrava em determinada época da sua vida, quando entidades governamentais, políticas e inimigos tentavam atacar e destruir seu trabalho. De uma maneira geral, a peste emocional se manifesta pela destruição das situações positivas.

O sofrimento psíquico no trabalho foi bastante estudado por Dejours (1986). Segundo esse autor, a possibilidade de seguir em direção ao bem estar físico, social e psíquico, é o que determina uma maior possibilidade de saúde ou doença. Em termos físicos, o bem estar seria a liberdade de poder regular as variações e satisfazer as necessidades que aparecem no organismo. O bem estar psíquico estaria relacionado à realização dos desejos, e ter esperanças de melhorias futuras.

Fisicamente, nossa cultura se baseia na existência de organizações e instituições. A função inicial dessa forma de se organizar, facilitar as alianças entre as pessoas, atualmente é pouco percebida. Entretanto, as regras que envolvem as organizações e instituições tornaram-se tão marcantes que fica difícil imaginar como seria a sociedade sem sua existência. Em contrapartida, a auto-regulação de cada um ficou seriamente prejudicada, e tornou-se até indesejada.

Deleuze (1992, *apud* González, 2004) comenta que o controle nas sociedades contemporâneas deixou de ser presencial e tornou-se cibernético, através das comunicações instantâneas. Utilizando a tecnologia, é possível não somente melhorar a eficiência no controle, como também manter ou mesmo ampliar seu raio de alcance.

Gonzáles (2004) coloca que as sociedades de controle atuais surgiram com a crise nas instituições. Moldes fixos, circuitos rígidos e idéias pré-estabelecidas deixaram de ser funcionais. Atualmente, a sociedade de controle funciona com redes modulares, e opera através de um controle ao ar livre, que substitui o antigo controle presencial. Isso significa dizer que "[...] a lógica que

antes restringia-se à prisão, agora abarca a sociedade inteira. Como se toda a sociedade tivesse se tornado uma prisão própria." (GONZÁLLEZ, 2004).

Diante desse patamar, não é difícil compreender por que os traços narcisistas tornaram-se tão comuns na sociedade atual. O primeiro a escrever sobre esse aspecto foi Freud (1987a, citado por VOLPI, 2003), fazendo apologia ao Mito de Narciso, que teria morrido depois de apaixonar-se por sua própria imagem. Navarro (1995) descreveu o narcisismo como um bloqueio de energia no pescoço, que pode manifestar-se em todas as estruturas de caráter, e está ligado ao senso de sobrevivência, ou à necessidade do indivíduo de mostrar seu poder para compensar uma carência. Muitas vezes, os traços narcisistas são defesas que o indivíduo desenvolveu para encobrir uma estrutura muito mais frágil abaixo, com tendências paranoides e/ou depressivas.

Além do controle onipresente, outro ponto fundamental na sociedade brasileira/ocidental moderna é o trabalho. Carmo (1992) define trabalho como toda atividade que transforma a natureza através da inteligência. O trabalho organizado é conseqüência da consciência humana, ou seja, da capacidade de planejamento das atitudes que os humanos apresentam. Este é o grande diferencial entre o homem moderno e os animais (CARMO, 1992).

2.2 GLOBALIZAÇÃO

A globalização é um fenômeno que nasceu vinculado ao capitalismo, desenvolveu-se com a revolução industrial, e expandiu-se impulsionado pelo barateamento dos custos de transporte e comunicação entre os países. Entretanto, sua presença passou despercebida por muitos anos, tornando-se marcante após a revolução tecnológica. Com os mercados internos dos países produtores saturados, tornou-se fundamental uma maior facilidade de intercâmbio entre os países, de forma que os mercados consumidores ficassem mais acessíveis. A necessidade de uma maior integração política, econômica, social e até mesmo cultural incentivou ainda mais seu crescimento e manutenção.

> Entre os fatores constitutivos da globalização, em seu caráter perverso atual, encontra-se a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do

> sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações, a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos – isto é, dos globaritarismos – a que estamos assistindo (SANTOS, 2001, *apud* ABRAÃO, 2007).

A globalização aproximou os países e reduziu fronteiras. O acesso à comunicação, por exemplo, é instantâneo, e o contato com novas tecnologias, descobertas, medicamentos, técnicas e teorias foi facilitado. Entretanto, apesar das inúmeras facilidades que afloraram, vários problemas também foram descobertos. A exploração da mão de obra dos países emergentes é uma das situações corriqueiras na atualidade. Além disso, a qualidade de vida da população mais carente não teve melhora significativa com esse fenômeno. Estudos recentes da ONU indicam, inclusive, que "a 'globalização' e a 'liberalização' como motores do crescimento econômico e desenvolvimento dos países não reduziram a desigualdade e a pobreza nas últimas décadas" (BAUMAN, 2003). Contudo, é consenso que esse fenômeno é irreversível.

Dentre os vários estudiosos desse fenômeno, destaca-se Bauman (1998). Segundo ele, "[...] a globalização não diz respeito ao que todos nós, ou pelo menos os mais talentosos e empreendedores desejamos ou esperamos fazer. Diz respeito ao que está acontecendo a todos nós" (BAUMAN, 1998, p. 68). Não se pode negar os aspectos positivos da globalização, como o encurtamento das distâncias e as possibilidades de evolução e crescimento. Contudo, muitos outros aspectos negativos da sociedade moderna estão relacionados a esse fenômeno.

Para Bauman (2001), não há um progresso linear no que diz respeito à felicidade humana. As pessoas de hoje têm tanto medo quanto as de um século atrás, por motivos diferentes. Atualmente, os maiores medos estão ligados à falta de constância, em todos os aspectos, mas principalmente no trabalho e no ambiente. No início do século, o trabalhador de uma fábrica tinha certeza que poderia terminar seus dias trabalhando no mesmo local; hoje em dia, quase ninguém tem o privilégio de saber o que estará fazendo daqui a seis meses. "A vida é como um lençol muito curto: quando se cobre o nariz os pés ficam frios, e quando se cobrem os pés o nariz fica gelado. Há sempre um custo a ser pago para a melhora numa determinada direção." (BAUMAN, 2001, p. 23).

A Globalização é assim. As causas da fragmentação quase sempre são as mesmas que provocam a junção, tudo depende da maneira como o evento é

observado, e do foco que se pretende manter. Da mesma maneira, todos estamos em movimento, mesmo estando imóveis fisicamente.

> Uma parte integrante dos processos de globalização é a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e exclusão. As tendências neotribais e fundamentalistas, que refletem e formulam a experiência das pessoas na ponta receptora da globalização, são fruto tão legítimo da globalização quanto a "hibridização" amplamente aclamada na alta cultura- a alta cultura globalizada. Uma causa específica de preocupação é a progressiva ruptura de comunicação entre as elites extraterritoriais cada vez mais globais e o restante da população, cada vez mais "localizada". (BAUMAN, 1999, p. 9).

Outro ponto comentado pelo autor é uma das tendências da modernidade: a capacidade de tornar eternamente transitórias as as impressões a respeito de objetos, desejos e afins, o que é metaforicamente denominado de liquefazer. O estudo pioneiro a respeito da modernidade como algo transitório e efêmero foi desenvolvido por Thompson (1980) (*apud* Bauman, p. 146). Bauman desenvolveu ainda mais a idéia e adventou o conceito da modernidade líquida. Segundo essa teoria, a atualidade forçou um imediatismo excessivo, em todos os sentidos. Atribui-se aos objetos duráveis e transtórios, por exemplo, tanto valor quanto puder ser tirado instantaneamente dele. O jargão *carpe diem* ganhou espaço e o valor das situações passou a ser mensurado pelo momento presente. A própria linha de demarcação entre o "transitório" e o "durável" já não ficou muito clara. Como consequência, a durabilidade perde sua atração e passa, eventualmente, a ser um risco:

> A capacidade, como a de Bill Gates, de encurtar o espaço de tempo da durabilidade, de esquecer o "longo prazo": de enfocar a manipulação da transitoriedade em vez da durabilidade, de dispor levemente das coisas para abrir espaço para outras igualmente transitórias e que deverão ser utilizadas instantaneamente, que é o privilégio dos de cima e que faz com que estejam por cima. Manter as coisas por longo tempo, além de seu prazo de "descarte" e além do momento em que seus "substitutos novos e aperfeiçoados" estiverem em oferta é, ao contrário, sintoma de privação. A passagem do capitalismo pesado ao leve, da modernidade sólida à fluida, pode vir a ser um ponto de inflexão mais radical e rico que o advento mesmo do capitalismo e da modernidade (BAUMAN, 2001, p. 146).

Não se pode negar os aspectos positivos da globalização, como o encurtamento das distâncias, por exemplo. Por outro lado, é preciso ter um senso crítico apurado para constatar a armadilha que a humanidade construiu para si mesma, e com reduzidas chances de libertação. "A idéia de 'globalização' refere-se explicitamente às forças anônimas operando na vasta 'terra de ninguém' – nebulosa, lamacenta, intransitável e indomável – que se

estende para além do alcance da capacidade de desígnio e ação de quem quer que seja em particular." (BAUMAN, 1999, p. 68).

Bauman (1999) comenta também que as características que auxiliaram o trabalho a ser elevado ao posto de principal valor dos tempos modernos, é a capacidade de dar forma ao informe, e estender a duração do transitório. Esses detalhes atribuídos ao trabalho colocaram-no num papel decisivo na ambição do homem moderno de controlar o futuro. É pelo trabalho também que a espécie humana pôs-se no domínio de seu próprio destino. Como consequência, estar sem trabalho passou a ser classificado como anormalidade, causa de pobreza e privações. Alem disso, as pessoas começaram a se classificar mutuamente de acordo com seu trabalho. O trabalho é considerado, atualmente, sinônimo de atividade produtiva, e passou a ser considerado fator de aperfeiçoamento das atividades humanas, além de causa do aperfeiçoamento moral e elevação dos padrões éticos da sociedade (BAUMAN, 1999).

2.3 SOCIEDADE ATUAL E AUTORREGULAÇÃO

Pode-se definir auto-regulação como a capacidade que todo indivíduo tem de guiar sua vida, direcionando-a segundo seus próprios padrões, desejos e vontades. "A auto-regulação é a expressão espontânea de um ser desencouraçado que se expressa espontaneamente, sempre no sentido da busca pelo prazer" (JEBER, 2005).

Infelizmente, da maneira como nossa sociedade está constituída atualmente, é mais difícil alcançar a realização através do trabalho. As disparidades se iniciam com a contradição entre a realização pessoal e os objetivos das organizações, que em geral caminham para lados opostos. Dessa maneira, lentamente, a sociedade passa a ser constituída de indivíduos menos saudáveis e mais adaptados à sua ótica.

Muitos teóricos buscaram, à sua maneira, encontrar alternativas para essa situação antagônica que se desenhou, entre a saúde psicológica das pessoas, e a manutenção da sociedade moderna. Conforme foi comentado anteriormente, alguns autores passaram a estudar o funcionamento do ser humano. Outros, desenvolveram complexas teorias sobre a estrutura da sociedade. Alguns, ainda, seguiram a ótica da causa e efeito, sob a qual existe

um complexo esquema de inter-relações. A partir desse viés, pode-se dizer que a Psicologia Corporal estruturou-se sob esse parâmetro fundamental.

"A Psicologia Corporal é uma abordagem que busca compreender todo ser vivo como uma unidade de energia, que contém em si dois processos paralelos: o psiquismo (mente) e o soma (corpo)" (VOLPI; VOLPI, 2003). Por definição, a Psicologia Corporal une numa mesma categoria todas as teorias psicológicas que envolvem, em conjunto com o trabalho psicológico, a análise e intervenção sobre o corpo. Seu fundamento é de que o corpo influencia a mente, da mesma maneira que o funcionamento psicológico pode transformar o corpo. Em última instância, o corpo e a mente são dois lados da mesma moeda, separados apenas didaticamente. Por isso, é impossível separar essas duas estruturas: o que ocorre em uma delas indubitavelmente influenciará a outra.

Observando-se as organizações inseridas na nossa sociedade atual, é fácil verificar que algumas características se repetem com freqüência nas pessoas que a constituem. Pode-se, inclusive, relacionar as características que se repetem com os tipos de caráter descritos por Lowen (1982).

3 FUNDAMENTOS DE PSICOLOGIA CORPORAL

3.1 CARÁTER

O caráter pode ser definido como um padrão de funcionamento, o modo típico de uma pessoa conduzir sua busca pelo prazer (LOWEN, 1982). O objetivo primordial de todo ser vivo é a busca pelo prazer. Em contrapartida, a dor provoca a contração, fuga, e esquiva de situações que possam provocá-la. A possibilidade de obter prazer incita o organismo a se expandir, enquanto que a dor promove a contração. Quando a situação envolve uma promessa de prazer, mas existe ameaça de dor, aparece a ansiedade. As situações que envolvem a possibilidade de prazer, com uma ameaça de dor, se originam já na infância, na convivência entre pais e filhos. As crianças tendem a compreender os pais como fonte de prazer; entretanto, a privação de contato, as frustrações e punições, muito comuns na nossa sociedade, promovem a vinculação, na mente da criança, do prazer aliado à possibilidade de dor. Essa sequência – busca do prazer, frustração ou privação, e ansiedade posterior, explica praticamente todos os problemas de personalidade. É assim também que se estruturam as defesas no organismo, que tende a se contrair mais e mais, para evitar a dor (LOWEN, 1982). O caráter é maneira aparente pela qual as defesas do corpo se estruturam.

O caráter expressa-se no corpo na forma de várias tensões musculares, quase sempre inconscientes e crônicas, que bloqueiam os impulsos. Em linhas gerais, o caráter é a melhor forma que o indivíduo encontrou para funcionar, limitado pelo antagonismo entre o prazer e a dor, e procurando mostrar-se adequado à nossa cultura.

A origem do caráter instalado na vida adulta remete aos primeiros anos de vida do indivíduo. Desde a concepção, o embrião fica imerso num campo energético, que pode ser mais ou menos favorável ao desenvolvimento da vida. A sucessão de experiências traumáticas pode levar a registros negativos no indivíduo, que posteriormente se refletirão em seu corpo. Quanto mais precoce o trauma, mais graves as consequências que poderá acarretar.

O caráter de cada indivíduo é resultado da sucessão das experiências que os indivíduos enfrentam, desde a concepção até a maturidade (LOWEN, 1982). É por isso que cada indivíduo é único em suas especificidades, pois

mesmo passando por experiências semelhantes, a forma como isso se refletirá em cada pessoa é bem particular.

Lowen (1982) definiu cinco tipos de caráter, citando quais características são pertinentes a eles. Entretanto, na prática, não existem tipos "puros"; estão presentes nos indivíduos uma mescla de características de vários tipos de caráter.

Se o indivíduo passasse pela tenra infância sem manchas no desenvolvimento, desenvolveria na idade adulta o caráter Genital. Entretanto, essa subdivisão só existe como referência didática; no mundo moderno, é praticamente impossível desenvolver-se a genitalidade plena em qualquer indivíduo (LOWEN, 1982).

O caráter esquizóide está presente nos indivíduos que apresentam tendências à cisão da personalidade, com dissociação entre pensamentos e sentimentos e perda de contato com a realidade interna e externa. O medo de despedaçar-se é a essência do funcionamento desses indivíduos, mas quase sempre é inconsciente. Assim, a defesa desse caráter consiste em um padrão de tensões musculares que mantém a personalidade unida.

O padrão esquizóide origina-se de experiências de privação emocional que o bebê sofre na etapa de Sustentação (VOLPI; VOLPI, 2006), durante a gravidez ou nos primeiros dias após o nascimento.

O esquizóide tende a desenvolver no corpo artifícios para isolar-se, concentrando a energia no centro do corpo, longe dos órgãos que fazem contato com o mundo. Pode ocorrer uma cisão do corpo na altura da cintura, mostrando a falta de integração entre as partes superior e inferior. Em contrapartida, o esquizóide tende a concentrar muita carga energética na cabeça. Por esse motivo, o esquizóide pode desenvolver uma inteligência acima da média. O corpo em geral é estreito e contraído, a pele clara e sensível. Frequentemente, há uma discrepância entre as metades superior e inferior do corpo.

O caráter oral origina-se de experiências sucessivas de privação emocional na etapa de Incorporação (VOLPI; VOLPI, 2006), e pode ser encontrado nas pessoas que apresentam muitas características infantis, como fraqueza, tendência a depender dos outros, sensação interna de precisar ser cuidado, e agressividade fraca. Nessas pessoas, os impulsos de energia são

fracos e alcançam com pouca intensidade a periferia do corpo. A musculatura em geral é subdesenvolvida, e a respiração superficial.

O corpo do oral pode ser esguio e fino, deixando transparecer a subcarga energética, e evidenciando-se principalmente nos braços e pernas finos. A falta de estrutura na parte inferior do corpo também é uma característica marcante, dando a impressão de que as pernas e pés não vão conseguir sustentar o restante do corpo.

As estruturas de caráter Psicopática e Masoquista surgem a partir de falhas no desenvolvimento durante a fase de Produção (VOLPI; VOLPI, 2006).

O caráter psicopático tem, em sua essência, a negação do sentimento. Nele, o ego se volta contra o corpo e os sentimentos. Outra característica forte desse caráter é a motivação pelo poder, e a necessidade de mandar e controlar. Esse caráter apresenta duas estruturas de corpo: o tipo tirânico, que apresenta um deslocamento nítido da energia para a parte superior do corpo, e um padrão de funcionamento ligado à desconfiança; e o tipo sedutor, que é mais equilibrado energeticamente, sem disparidades tão grandes no corpo, e cujo funcionamento é mais voltado para a sedução.

A estrutura de caráter masoquista descreve o indivíduo que se queixa e lamenta da situação, mas permanece submisso. Seu padrão de funcionamento é a submissão. No nível emocional, entretanto, ocorre o inverso: a pessoa mantém sentimentos intensos de negatividade, de superioridade e de desrespeito. Apesar disso, o masoquista está fortemente bloqueado pelo medo de uma explosão, que seria inadequada socialmente, e mantém o padrão de contenção muscular, caracterizado por uma musculatura espessa e alto nível de energia represada no corpo. A estrutura do corpo em geral é pesada e preparada para conter os fortes impulsos. Por esse motivo, os órgãos periféricos podem também ser subcarregados. A agressão e a auto-afirmação tendem a ser bastante reduzidas.

O padrão rígido de funcionamento apresenta uma tendência ao orgulho e à rigidez, por medo de submeter-se. Seu surgimento deve-se a privações emocionais durante a fase da Identificação (VOLPI; VOLPI, 2006). O indivíduo de caráter rígido está sempre alerta contra situações em que possa ser usado ou enganado. Nesse tipo de caráter, o conflito entre prazer e ceder é constante e ainda mais marcante do que nos outros caráteres. Isso acontece por que o rígido é o padrão que mais se aproximou da maturidade sexual, e por isso é o

que mais próximo ficou da entrega total. Esses indivíduos sofreram na etapa da identificação a ameaça da entrega ao prazer, em geral com a rejeição do pai do sexo oposto. Por isso, seu funcionamento é muito influenciado pelo conflito entre prazer e ceder. O rígido vê a entrega como uma situação muito perigosa. Além disso, a passividade é encarada como uma fraqueza, e, por isso, eles tendem a demonstrar agressividade, competitividade e ambição. Apesar disso, a carga energética é relativamente boa, assim como o contato com a realidade.

O termo "rígido" é utilizado para reunir numa mesma classe, quatro modelos de funcionamento com o mesmo padrão de rigidez e um certo grau de narcisismo. São eles: o fálico, a histérica, o passivo-feminino e a agressivo-masculina. Apesar de apresentarem diferenças consideráveis entre si, os quatro padrões rígidos de funcionamento são os que mais próximo chegaram da saúde.

Estudando os tipos básicos de caráter, percebe-se que eles buscam adaptar-se ao mundo da melhor maneira que conseguirem. Dependendo da etapa em que ocorreram os danos mais graves, o funcionamento pode ser mais ou menos prejudicado, mais ou menos saudável.

No início de sua trajetória, Reich (1998) acreditava que quando seus pacientes alcançassem o reflexo do orgasmo em consultório, através da terapia e de exercícios que devolvessem a vitalidade ao corpo, eliminariam a neurose de suas vidas. Lowen (1982), como paciente de Reich, recebeu alta da terapia quando alcançou esse nível, mas não se considerava ainda absolutamente curado. Passou a verificar que o mesmo acontecia com seus próprios pacientes, ou seja, mesmo alcançando o reflexo do orgasmo em terapia, os velhos problemas se mantinham, ou voltavam a aparecer após algum tempo. A partir dessas observações, Lowen (1982) desenvolveu a idéia de que o mais importante durante a terapia era o amadurecimento do caráter, e não apenas alcançar o reflexo do orgasmo. Ninguém poderia ser orgasticamente potente na nossa cultura, porque ela não incentiva a saúde, e sim promove a doença. Indivíduos neuróticos não podem modificar uma sociedade neurótica (LOWEN, 1980).

A promoção da saúde não deve ficar restrita apenas aos consultórios de Psicologia. Ela pode e deve ocorrer também nas organizações e instituições, grandes fontes de trabalho na sociedade moderna. E o psicólogo tem um grande papel nisso. Cabe a ele definir, de forma mais clara e precisa, seu lugar

na sociedade, assumindo seu papel de maneira mais firme, e ajudando a promover a saúde dos trabalhadores como um todo, não apenas no campo físico, mas também emocional, psicológico, social e energético.

Analisando-se as organizações de maneira didática, e efetuando uma análise das pessoas, certos traços de caráter podem ser muito úteis quando presentes nos indivíduos inseridos nas organizações atuais. Apesar de serem contrários à noção de saúde, ajudam essas pessoas a adaptar-se às exigências. Esse é o grande empecilho, pois é mais fácil – e muitas vezes é necessário – sufocar os próprios desejos, e mascarar a auto-regulação, para suportar determinadas situações.

3.2 OS CARÁTERES E AS ORGANIZAÇÕES

A partir de uma análise hipotética, todos os caracteres descritos por Lowen (1982) apresentam características importantes para a sobrevivência das organizações e da nossa sociedade em geral. Essas características são escolhidas e selecionadas para que apareçam nos empregados. Mas, aparentemente, os dois caracteres que predominam e obtêm maior sucesso nas organizações seriam o esquizóide e o masoquista. O primeiro, devido à facilidade que os indivíduos com uma predominância do caráter esquizóide tem de fragmentar-se e dividir-se entre dois ou mais tipos de funcionamento antagônicos. E o segundo, porque um sujeito com traços masoquistas, mesmo estando saturado da situação e, frequentemente, com mais atividades do que consegue realizar, não deixa de fazer tudo o que é solicitado.

Características que podem ser relacionadas à esquizoidia, por exemplo, são muito comuns nas empresas. A perda de contato com a realidade é uma das maneiras mais imediatas para não sentir e, consequentemente, não sofrer – principalmente se a realidade não é o ambiente ideal. Nas situações em que a atividade é extremamente repetitiva, cansativa e monótona, "desligar-se" da realidade pode ser o único modo de suportá-la.

O indivíduo com caráter masoquista também predomina nas organizações, pela sua submissão, cordialidade e incapacidade de modificar a situação em que se encontra, por pior que seja. O alto nível de energia interna ajuda para que esse indivíduo suporte melhor as adversidades, apenas

lamentando-se. As reclamações podem tornar-se uma constante, mas mesmo assim o funcionário não deixa de realizar bem seu trabalho.

Com relação ao caráter oral, a característica mais adaptativa nas organizações é a existência de uma agressividade muito fraca. Dessa maneira, fica mais fácil manipular os indivíduos, e conduzi-los a fazer tudo o que for solicitado. Entretanto, a pessoa de caráter oral tente a não permanecer muito tempo no mesmo emprego, pela sua característica de esperar que os outros satisfaçam suas necessidades. A rotatividade pode se intensificar ainda mais se as condições de trabalho não forem favoráveis.

Já nos cargos de liderança, é comum a ocorrência de indivíduos com características narcísicas. Os narcisistas muitas vezes estão mais preocupados com sua imagem do que com seus sentimentos. Agindo sem sentimentos envolvidos, podem ser mais sedutores e ardilosos, na busca pelo poder e controle (LOWEN, 1983). O fálico-narcisista, por exemplo, pode ter sucesso numa posição de gestão, e uma vez inserido numa organização, tenderá a desenvolver-se até chegar a um cargo de liderança.

Apesar de serem o esquizóide e o masoquista os carateres que tem um maior número de detalhes favoráveis à modernidade, observa-se um aumento aparente no número de indivíduos narcisistas. Segundo Lowen (1983), isso pode estar ocorrendo justamente pelo culto à imagem, muito incentivado na sociedade moderna. Infelizmente, o que se observa é um aumento da esquizoidia, mascarado com uma cobertura de aparência bonita. Nesses casos, a cisão na personalidade fica mais e mais fácil de ocorrer, pois no menor sinal de pressão a casca corre o risco de rachar.

3.2.1 Esquizoidia

Lowen (1979) comenta que a falta de identificação com o próprio corpo é a base para o desenvolvimento de muitas enfermidades. Em nossa cultura, a falta de identidade é uma característica bastante forte e, inclusive, incentivada. Numa situação normal, a imagem reflete a realidade, e é isso que orienta o indivíduo em busca de uma ação. Entretanto, se a realidade não é o ideal esperado, o ego pode tentar subjugar o corpo e criar uma "realidade paralela", uma imagem que representa melhor o que o indivíduo deveria ser. Essa dissociação entre a realidade e a imagem criada reflete a esquizoidia.

De uma maneira geral, nossa sociedade é extremamente alienada e esquizóide. As pessoas seguem suas vidas quase sem identificar-se com suas próprias sensações, subjugando o próprio corpo e agindo em função de uma imagem criada por elas mesmas, uma realidade paralela inexistente.

O funcionamento esquizóide decorre dessa situação, da falta de identificação com o próprio corpo. A relação dialética entre pessoas alienadas e a própria sociedade tende a manter-se, intensificando ainda mais características como a falta de vitalidade. A capacidade de sentir está intimamente ligada à vitalidade e à motilidade do corpo.

Para compensar a fragilidade de uma imagem criada, o ego utiliza-se de muitas artimanhas. A interpretação de determinados papéis, diferenciados em cada situação, é uma das maneiras. Entretanto, ninguém consegue representar durante todo o tempo, e as máscaras acabam caindo. Nenhuma das soluções que o ego procura obter funciona realmente, pois toda solução baseada numa imagem não consegue manter-se por muito tempo.

A cisão na personalidade acarreta em muito dispêndio de energia. O indivíduo esquizóide procura o tempo todo "se manter unido". O metabolismo também pode ficar alterado, assim como o quantum de energia.

A compulsão por fazer, ao invés de sentir, também é um reflexo da perturbação esquizóide. As ações tornam-se mecânicas, mas é a única maneira que o esquizóide consegue sobreviver. É preciso preencher o tempo ao máximo possível, para evitar a sensação de vazio. Paira a pergunta: é um vazio decorrente da falta de sensação, ou da falta do que sentir?

3.2.2 Narcisismo

O narcisismo em si poderia ser compreendido como uma característica marcante nos caráteres rígidos. Entretanto, da maneira como nossa sociedade estruturou-se, o narcisismo tornou-se uma fuga fácil para a falta de percepção corporal. É muito fácil revestir-se de uma "cobertura" bonita, uma imagem fabricada, que chama a atenção das outras pessoas, e esconder-se embaixo dela.

Segundo Navarro (1995), a condição psicológica do narcisismo apresenta-se em toda caracterialidade. É possível perceber traços narcisistas na maioria das pessoas, e é comum a existência de uma certa admiração

social por esse traço de caráter. Inflando o ego e ampliando o culto à imagem, à aparência e ao poder, fica mais fácil superar as dificuldades reais.

O narcisismo origina-se com um bloqueio de energia no nível do pescoço, originado por alguma situação mal resolvida na fase fálica. O endurecimento da musculatura do pescoço e seu estiramento está relacionada à sobrevivência, tal qual no mito de Narciso, em que ele estira o pescoço para não morrer afogado. Aspectos da educação e competição esportiva podem reforçar essa caracterialidade. Outras características ligadas ao narcisismo são a competitividade e o orgulho (NAVARRO, 1995).

Na nossa cultura, os valores que predominam são o poder e o progresso. A importância dada a eles torna muito difícil o desenvolvimento da auto-regulação e da saúde plena nas pessoas. O homem moderno está fadado a ser neurótico, no sentido de que seu ego está o tempo todo tentando submeter o próprio corpo aos seus desejos (LOWEN, 1980). A única saída possível é desconectar-se cada vez mais da realidade, provocando uma cisão entre o ego e o corpo, entre a imagem real e a projetada, entre a realidade e a ilusão. Para dar conta disso, a imagem que é passada aos outros precisa ser bastante aceitável, e é assim que podem desenvolver-se as características narcísicas. Entretanto, em muitas situações, esses traços são tão frágeis, que se quebram na primeira dificuldade, revelando uma base cada vez mais fragmentada. O grande desafio do homem moderno poderia ser definido como deixar sua própria auto-regulação ditar as regras, e simplesmente aceitar os próprios desejos e limitações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vários temas explorados ao longo do trabalho levam a pensar o que fazer diante de uma realidade tão avassaladora. O aumento da esquizoidia e do narcisismo, formando indivíduos que, apesar da aparência cada vez mais bonita, são cada vez mais ocos por baixo da casca protetora. Na menor dificuldade, a cobertura já não mais se sustenta, e a base frágil e fragmentada também não suporta a pressão. É assim que muitas tragédias acontecem – assassinatos, atentados, crimes passionais, para citar os mais comuns.

Frente ao que foi exposto, pode-se pensar o que leva ao aumento desse traço de caráter no momento atual. Seria, como muitos dizem, a falta de diálogo entre pais e filhos? A busca pelo acúmulo de dinheiro e de bens? A desvalorização das instituições, como a família?

Acredito que o principal fator para termos chegado a essa situação é a falta de equilíbrio. A natureza é sábia, e sabe como deixar aflorar a melhor maneira de agir. Os animais, agindo de acordo com sua auto-regulação, por impulso, em geral permanecem muito mais saudáveis do que nós, humanos. Entretanto, o homem se achou mais inteligente do que sua própria natureza, e preferiu submeter seu corpo às mais diversas experiências de superação. Por conta disso, estruturou-se toda uma cultura e uma sociedade baseada na compulsão pelo trabalho e pelo imediatismo.

Para Lowen (1979), o que a pessoa pensa, como se sente e os fenômenos do ambiente formam uma unidade, na qual uma modificação em qualquer dos três pontos necessariamente influenciará os outros. Essa visão caracteriza as atitudes de uma criança, por exemplo. O homem moderno descartou essa visão, pois o conhecimento intelectual descartou muitas possibilidades de interação dessas três instâncias. Entretanto, essa inter-relação não necessariamente pode ser explicada de modo racional.

Essa descontinuidade reforça ainda mais a fragmentação psíquica do homem atual. A visão da realidade é descontínua, e, consequentemente, as relações entre o ego, o corpo e o ambiente não necessariamente existem. De maneira geral, não se leva em consideração que é o próprio ego que elabora essa separação. Dessa maneira, o corpo passa também a ser um objeto do ego, que dita as regras ao invés de cumprir sua função de mediador entre as

realidades interna e externa. Sem perceber, ele mesmo se enfraquece, pois fica mais fraco e vulnerável quando age dissociado do corpo (LOWEN, 1979).

Reich já dizia que apenas a educação conseguiria melhorar o mundo em que vivemos. As crianças são a chave. Nós, como adultos, já temos nossos traços de caráter muito arraigados. É claro que as mudanças sempre acontecem, dependendo bastante da situação de vida e do meio em que a pessoa está inserida; entretanto, se ela está inserida num meio hostil e pouco favorável, a chance de que aflore uma condição mais saudável é muito pequena.

Para que o desenvolvimento de seu filho seja o melhor possível, os pais se esforçam de todas as maneiras. Entretanto, na sociedade atual, é quase impossível viver de um modo que leve à genitalidade plena. Assim, muitas vezes, os pais são obrigados a impor condições quase "antinaturais" a seus filhos. Em muitos casos, as condições são colocadas por simples desconhecimento de uma situação melhor; em outros, os pais sabem que não foram criados da melhor maneira, e projetam nos filhos a maneira como gostariam de ter sido criados. Nenhuma das soluções é condizente com a impulsividade natural da criança. Criar crianças saudáveis não é simples, tampouco fácil, até que as condições básicas de saúde sejam conhecidas por toda a população. A educação deveria ser dirigida aos interesses da criança, e não de programas políticos, religiosos ou outro qualquer. Cada criança escolherá seu próprio modo de ser, e assim definirá seu destino, não sendo obrigada a seguir caminhos pré-escritos. Nós, adultos, deveríamos aprender com elas, ao invés de impor-lhes nossas idéias arrogantes e nossas práticas maliciosas. (REICH, 1987).

Uma educação que prepare efetivamente para a vida deveria preocupar-se, além do aprendizado, também com o corpo da criança e seu desenvolvimento psicoemocional. O incentivo à espontaneidade e ao prazer deveria ter tanto peso quanto a produtividade e o empreendimento.

Os estudos feitos com crianças ainda são escassos, e muitas vezes realizados com crianças já encouraçadas, expostas à nossa sociedade neurótica. O mais importante, contudo, é que os pais conheçam as possibilidades reais de seus filhos, deixando-os livres para estruturar sua auto-regulação. Mas deixar as crianças livres não significa abandona-los à própria sorte, nem deixar que escolham seu próprio caminho sem uma orientação. Os

pais precisam aprender a ouvir as reais necessidades de seus filhos, não impondo-lhes suas próprias vontades. Ao mesmo tempo, em muitas situações é preciso atuar como um guia, que conduz ao melhor caminho. Como já foi dito, não é uma tarefa fácil, mas é imprescindível para que as próximas gerações tenham dias mais felizes.

REFERÊNCIAS

ABRAÃO, C. E. **Wilhelm Reich do século XXI: de violência a globalização.** Americana: Ligare, 2007. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 29/11/2009.

BARREIROS, V. M. Peste Emocional e Zé-ninguém: relações com o sofrimento psíquico no trabalho. In: VOLPI, S. M. e VOLPI, H. (Org.). **Psicologia Corporal**, Curitiba, v. 9. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. p. 66-70.

BAUMAN, Z. **Globalização** – as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Z. **.Globalização** não reduz desigualdade e pobreza no mundo. **Folhauol.com,** São Paulo, 19 outubro 2003. Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u104540.shtml>. Acesso em: 30/11/2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional,** São Paulo, v. 54, n. 14, p. 7-11, abril/junho de 1986.

JEBER, L. J. Auto-regulação: um conceito para a educação da criança na família e na escola. In: VOLPI, S. M. e VOLPI, H. (Org.). **Psicologia Corporal**, Curitiba, v. 6, p. 53-57, 2005.

LINONGI, A. C. Manual de treinamento e desenvolvimento, São Paulo: ABDR, 2001.

LOWEN, A. **O corpo traído.** São Paulo: Summus, 1979.

LOWEN, A. **Bioenergética.** São Paulo: Summus, 1982.

LOWEN, A. **Narcisismo** – Negação do verdadeiro *self*. São Paulo: Cultrix, 1983.

LOWEN, A. **Medo da vida.** São Paulo: Summus, 1980.

MALVEZZI, S. & CODO, W. Os rumos da Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil. **Ciência e profissão** – Diálogos. Brasília, n° 5, p. 28-31, dezembro de 2007.

NAVARRO, F. **Caracterologia pós-reichiana.** Summus: São Paulo, 1995.

REICH, W. **Análise do caráter.** Martins Fontes, 1998.

REICH, W. **Bambini del futuro** – Sulla prevenzione delle patologie sessuali. Milano: SugarCo Edizioni, 1987.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal** – um breve histórico. Curitiba: Centro Reichiano, 2003. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 19/01/2009.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Etapas do desenvolvimento emocional.** Curitiba: Centro Reichiano, 2006. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br>. Acesso em: 19/01/2009.

ZAIMA, G. **Manual de gestão de pessoas e equipe.** São Paulo: Gente, 2002.